

Prefácio

Rufa o tambor e não temas
E beija a vivandeira!
A ciência não é mais do que isso,
Esse o sentido mais profundo dos livros.

Heinrich Heine, *Doktrin*

O grande defeito das cabeças alemãs consiste em não terem o sentido da ironia, do cinismo, do grotesco, do desprezo e da zombaria.

Otto Flake, *Deutsch-Französisches*, 1912

Desde há um século, a filosofia está às portas da morte e não pode atravessá-las, porque a sua tarefa não está cumprida. Assim, a sua despedida tem de eternizar-se dolorosamente. Quando não se afunda na pura administração do pensamento, arrasta-se numa agonia cintilante, na qual lhe vem ao espírito aquilo que desde sempre se esqueceu de dizer. Em face do fim, desejaria tornar-se sincera e revelar o seu último segredo. Confessa: os grandes temas eram evasivas e meias verdades. Esses altos voos ociosamente belos — Deus, universo, teoria, práxis, sujeito, objecto, corpo, espírito, sentido, nada — não são nada. São substantivos para jovens, para marginais, clérigos, sociólogos.

«Palavras, palavras — substantivos. Basta-lhes abrir as asas e milénios se escapam do seu voo.» (Gottfried Benn, *Epilog und lyrisches Ich*)

A filosofia recente propensa à confissão trata coisas que tais na rubrica histórica — juntamente com os pecados da juventude. A sua época passou. Nos nossos tempos já não há chispa do voo dos conceitos nem dos êxtases do entender. Somos esclarecidos, ilustrados pelo Iluminismo,

somos apáticos. Já não se fala de *amor* à sabedoria. Já não há saber de que alguém possa ser amigo (*philos*). Não nos vem à cabeça amar aquilo que sabemos, antes perguntamos a nós próprios como conseguiremos viver com o que sabemos sem nos petrificarmos.

O que aqui vai ser apresentado sob os auspícios de um título que alude à grande tradição é uma meditação sobre a frase: «Saber é poder.» Esta frase veio a ser no século XIX a coveira da filosofia. Ela resume a filosofia e, simultaneamente, é a sua primeira confissão com que começou a sua agonia secular. Com ela termina a tradição de um conhecimento que, como o seu nome indica, era uma teoria erótica — amor da verdade e verdade do amor. Do cadáver da filosofia nasceram no século XIX as modernas ciências e as teorias do poder — como politologia, como teoria da luta de classes, como tecnocracia, como vitalismo — em todas as suas configurações armadas até aos dentes. «Saber é poder.» Este é o ponto em que começa a imparável politização do pensamento. Quem pronuncia esta frase trai a verdade, por um lado. No entanto, com essa declaração quer alcançar mais do que a verdade: quer intervir no jogo do poder.

Ao mesmo tempo que Nietzsche começava a trazer à luz a vontade de poder por trás de toda a vontade de saber, a velha social-democracia alemã apelava aos seus membros para que participassem na competição pelo saber, que é poder. Enquanto as visões de Nietzsche pretendiam ser «perigosas», frias e sem ilusões, a social-democracia agia pragmaticamente — e desenvolvia um prazer da educação de tons *biedermeierianos*¹. Ambos falavam de poder — Nietzsche, na medida em que socavava o idealismo burguês; os social-democratas, na medida em que, pela «educação», aspiravam a aceder às possibilidades do poder da burguesia. Nietzsche ensinava já um realismo que haveria de tornar mais fácil às futuras gerações de burgueses e pequeno-burgueses despedirem-se das petas idealistas que estorvavam a vontade de poder.

Por volta de 1900, a ala radical da esquerda adoptou o cinismo senhorial da direita. A competição entre a consciência cínico-defensiva dos antigos detentores do poder e o cinismo utópico-ofensivo dos novos gerou o drama político-moral do século XX. Na corrida à consciência mais dura dos factos duros, o Diabo e Belzebu acusavam-se mutuamen-

1 Gottlieb Biedermeier era um poeta ficcional inventado por Adolf Kussmaul e Ludwig Eichrodt, que com ele pretendiam parodiar a sensibilidade estética pequeno-burguesa, tacanha e doméstica. O termo *biedermeieriano* veio a caracterizar o tipo de artes literárias, plásticas e decorativas que tinha o favor do público burguês na primeira metade do século XIX na Alemanha e sua zona de influência. (N. T.)

te. Da concorrência das consciências nasceu o lusco-fusco característico dos tempos presentes — o mútuo espiar-se das ideologias, a assimilação dos contrários, a modernização da impostura —, em resumo, aquela situação que lançava a filosofia no vazio em que o mentiroso chama mentiroso ao mentiroso.

Intuímos uma segunda actualidade de Nietzsche depois de a primeira onda nietzscheana fascista se ter dissolvido. De novo se torna claro que a civilização ocidental despiu o seu fato cristão. Depois da década da reconstrução e das décadas das utopias e das «alternativas», tudo se passa como se um elã ingénuo tivesse subitamente desaparecido. Temem-se catástrofes e novos valores têm grande procura, como todos os analgésicos. No entanto, a época é cínica e sabe que o é: os novos valores têm pernas curtas. O concernimento, a proximidade ao cidadão, a garantia da paz, a qualidade de vida, a atitude amiga do ambiente — nada disso funciona bem. É de esperar. O cinismo está à espreita por trás — à espera que o palavreado cesse e as coisas comecem a seguir o seu curso. — A nossa modernidade sem elã sabe, é certo, «pensar historicamente» na perfeição, mas há muito duvida de que viva numa história com significado. «Não há necessidade de história mundial.»

O eterno retorno do mesmo, o pensamento mais subversivo de Nietzsche — cosmologicamente infundado, mas cultural-morfológicamente frutífero —, corresponde ao ressurgir de motivações cínicas que desabrocharam na vida consciente pela última vez no Império Romano, mas também um pouco no Renascimento. O mesmo: tais são os sinais prenunciadores de uma vida sóbria orientada para o desejo, que aprendeu a contar com as circunstâncias. Estar preparado para tudo — é coisa que nos faz invulneravelmente avisados. Viver apesar da história; redução existencial; socialização faz-de-conta; ironia contra a política; desconfiança contra os «projectos». Uma cultura neopagã que não acredita na vida para além da morte, pelo que terá de a procurar antes desta.

A decisiva autodefinição de Nietzsche é a de um «*kynikós*»; com ela, ele tornou-se, juntamente com Marx, o mais bem-sucedido pensador do século. No «*kynismós*» de Nietzsche, apresenta-se uma relação modificada com o «dizer a verdade»: é uma relação de estratégia e tática, suspeita e desinibição, pragmática e instrumentalismo — tudo sob o controlo de um eu político que, do princípio ao fim, pensa em si, bolhando internamente e couraçando-se externamente.

O poderoso impulso anti-racionalista sentido nos países do Ocidente reage a uma circunstância espiritual em que todo o pensamento se tornou estratégia; anuncia um asco por uma determinada forma de auto-

preservação. É um sobressalto sensível diante do frio hábito de uma realidade na qual saber é poder e poder, saber. Ao escrever, eu tinha em mente um leitor, desejava um leitor que assim sentisse; a ele, acho eu, o livro há-de ter algo a dizer.



O neo-kynikós Nietzsche, pensador da ambivalência.

A velha social-democracia anunciara o *slogan* «saber é poder» como uma judiciosa receita prática. Com isso, não pensava muita coisa. Pretendia-se afirmar que uma pessoa devia aprender qualquer coisa como deve ser, para, mais tarde, vir a melhorar a sua situação. O dito

era ditado por uma fé pequeno-burguesa na escola. Essa fé está hoje em decomposição. Só entre os nossos jovens médicos cínicos há uma linha clara que liga o curso ao nível de vida. Quase todos os outros vivem com o risco de aprender em vão. Quem não busca o poder também não quer o seu saber, o seu armamento de saber, e quem recusa ambas as coisas já não é secretamente cidadão desta civilização. Inúmeros são os que já não estão dispostos a acreditar que começar por «aprender qualquer coisa» levará mais tarde a melhorar a sua situação. Neles, creio, cresce um pressentimento que no antigo *kynismós* era certeza: que uma pessoa tem de começar por ter uma vida melhor para depois poder vir a aprender qualquer coisa razoável. A socialização pela escolarização tal como se desenvolve no nosso país é o embrutecimento *a priori*, após o qual uma aprendizagem quase não oferece perspectiva de que as coisas hão-de melhorar seja lá como for. A reconversão da relação entre o viver e o aprender anda no ar: o fim da fé na educação, o fim da escolástica europeia. É isso que é de igual modo temeroso, tanto para os conservadores como para os pragmáticos, tanto para os *voyeurs* da decadência como para os bem-intencionados. No fundo, já ninguém acredita que a aprendizagem de hoje resolve os «problemas» de amanhã; é quase certo, pelo contrário, que os desencadeia.

Porquê uma «crítica da razão cínica»? Como me desculpo perante a acusação de ter escrito um grosso volume em tempos nos quais até livros mais delgados são considerados uma pretensão exagerada? Estabeleçamos, como compete, a distinção entre o pretexto, o fundamento e o móbil.

O pretexto:

Celebra-se este ano (1981) o segundo centenário da publicação da obra de Immanuel Kant *Crítica da Razão Pura* — uma data marcante na história do mundo. Um jubileu tão austero como este há-de ser caso raro. É uma festa sensaborona, só entre letrados. Seiscentos investigadores de Kant reunidos em Mainz não é propriamente uma festa de Carnaval, quando muito um sem-fim de serpentinas retóricas. Seria útil introduzir aqui uma fantasia: imaginar o que aconteceria se o festejado comparecesse em pessoa entre os contemporâneos... — Não há festas tristes em que os convidados secretamente esperam que o festejado tenha um impedimento, pois quem dele se reclama se sentiria forçosamente envergonhado perante a sua presença? Como aguentaríamos o penetrante olhar humano do filósofo?